

Surdos na sala de aula: um relato de inclusão no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Fluminense Campus Macaé.

Elioenai Mônica de Jesus Santos Duarte

Professora de LIBRAS na FEMASS e Intérprete de LIBRAS no Instituto Federal Fluminense IFF Campus Macaé.

Hélio da Silva Júnior

Docente de Música do Instituto Federal Fluminense IFF Campus Macaé.

Introdução

O presente trabalho representa um relato parcial das aulas de música para turmas com alunos especiais, portadores de surdez profunda bilateral, do primeiro ano do Ensino Médio Integrado e do curso de Educação de Jovens e Adultos do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Fluminense - Campus Macaé. Segundo a lei de Diretrizes e Bases da Educação, as instituições de ensino devem assegurar aos educandos com necessidades especiais: currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades (Brasil, 1996). Considerando ainda a resolução do CNE CNE/CEB N°2, de 11 de setembro de 2001, que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, observamos a garantia aos alunos portadores de necessidades especiais quanto a sua participação em classes comuns do ensino regular de qualquer modalidade da educação básica.

Neste sentido, desenvolveram-se aulas de educação musical, em classes comuns, objetivando a plena inclusão destes alunos através da adaptação do currículo e do desenvolvimento de métodos e técnicas de ensino adequadas ao ensino de música para surdos. As aulas de música ocorreram em dois tempos seguidos de cinquenta minutos, no Ensino Médio Integrado e um tempo de cinquenta minutos, no curso de Educação de Jovens e Adultos, uma vez por semana em uma sala de música com aproximadamente trinta alunos. Entre os recursos materiais em sala dispõe-se de: televisão, bateria, teclado, violão, tambores e amplificadores.

Segundo Finck (2007): “A representação de que a música não pertence aos povos surdos parece embutir a ideia de que, para ser musical, é necessário ser ouvinte” (p.3). Corroborando, Cervellini (2003) afirma que a “musicalidade é a possibilidade que o homem tem de expressar a música interna, ou entrar em sintonia com a música externa, por meio de seu corpo e seus movimentos”. Neste sentido podemos compreender que a música é acessível a todos, sendo estes ouvintes ou não.

- **Ementa da disciplina artes-música**

A ementa da disciplina artes-música compreende, a saber: Introdução aos elementos da linguagem musical; Desenvolvimento de atividades de análise e experimentação do fenômeno sonoro, apreciação musical, improvisação, composição e construção de

instrumentos musicais. Forma musical, escrita alternativa e tradicional, famílias de instrumentos. Articulação com outras áreas do conhecimento e com as novas tecnologias da informação e comunicação. Os objetivos da disciplina compreendem: Sensibilização sonora, expansão da audibilidade, consciência rítmica-corporal, desenvolvimento de processos de criação musical através da improvisação, composição e construção de instrumentos.

Enquanto proposta de avaliação da disciplina, Propõe-se como atividades avaliativas: a observância da assiduidade, bem como do desempenho dos alunos nas propostas desenvolvidas durante aulas. Observa-se ainda a realização de trabalhos individuais e em grupos durante os bimestres além de, eventualmente, um trabalho de maior proporção ao final deste. A divisão dos conteúdos desenvolvidos por bimestre apresenta-se nos quadros abaixo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	
1° BIMESTRE	2° BIMESTRE
<ul style="list-style-type: none"> • Apreciação musical colaborativa • Ondas sonoras • Propriedades do som • Percepção sonora • Paisagem sonora • Experimentação sonora 	<ul style="list-style-type: none"> • Expansão da apreciação musical • Possibilidades sonoras do corpo • Possibilidades sonoras da voz • Improvisação musical • Composição musical • Escrita musical alternativa

Fig.01

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	
3° BIMESTRE	4° BIMESTRE
<ul style="list-style-type: none"> • Possibilidades sonoras de materiais alternativos • Construção de instrumentos musicais a partir de materiais reciclados • Construção de instrumentos através de novas tecnologias da informação e comunicação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Família dos instrumentos musicais • Forma musical • Escrita musical tradicional • Projeto final

Fig.02

• O Ponto de vista dos intérpretes

Na opinião da equipe de intérpretes de libras do IFF Campus Macaé, a tradução das aulas de educação musical para linguagem brasileira de sinais constituiu-se como um grande desafio. Segundo a coordenadora do núcleo de atendimento aos alunos portadores de necessidades especiais, através do envolvimento, plena inclusão e adaptação da primeira aluna surda do IFF- Campus Macaé, foi possível observar a possibilidade de um despertar do aluno surdo o interesse pela música.

Segundo esta, entre os principais fatores para a permanência e êxito da aluna em questão, destacam-se em primeiro lugar: o fato do professor de música ter aprendido sinais básicos da língua brasileira de sinais, na intenção de comunicar-se diretamente com a aluna. Em segundo lugar, observa-se que o trabalho de construção e utilização de instrumentos com frequências graves oportunizou a percepção sensorial das ondas sonoras. Em terceiro

lugar, indica-se que a tradução das canções para a língua brasileira de sinais contribuiu para a autonomia da aula.

De acordo com a coordenadora, há uma caminhada a ser trilhada para a plena inclusão dos alunos surdos no em seu campus, assim como em todo Instituto Federal Fluminense. As avaliações precisam ser adaptadas, os recursos utilizados nas aulas precisam ser revistos, os campi devem disponibilizar intérpretes antes do início do ano letivo para que não haja prejuízos por parte do aluno surdo. A plena utilização da tecnologia assistiva deve oportunizar, através de salas multifuncionais o desenvolvimento de produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços não só para o atendimento de alunos surdos como para todo aluno especial.

O psiquiatra surdo, norueguês, Terje Basilier, afirma que quando se aceita a língua de outra pessoa, aceitamos esta pessoa inteiramente. No entanto, quando rejeitamos sua língua, rejeitamos a pessoa. Neste sentido pode-se afirmar que quando rejeitamos a língua brasileira de sinais, invariavelmente rejeitamos o surdo e seu direito a ser reconhecido e respeitado como tal. Neste contexto, pode-se afirmar que o esforço do professor para desenvolver a comunicação com a aluna surda contribuiu para sua permanência nas aulas de música.

- **O relato de uma aluna surda do ensino integrado**

No meu primeiro dia de aula no Instituto Federal Fluminense Campus Macaé, entrei na sala e o professor de música estava passando um trabalho avaliativo. Ainda sem intérprete, tentei me comunicar com ele e informar que eu era surda. O professor me recebeu prontamente, tentando fazer alguns sinais e me disse que faria uma pesquisa na intenção de me oferecer o melhor ensino de música possível adaptado a minha condição de surdez.

Diante deste contexto o professor desenvolveu estratégias e adaptação do trabalho a fim de viabilizar minha participação em todas as atividades. Após esta etapa, percebi que ele, assim como os próprios colegas se acostumaram com a minha presença nas aulas de música. Entre as principais estratégias utilizadas para minha inclusão destaco o fato de ser solicitada a sinalizar histórias e canções. Pude demonstrar como percebia os fenômenos sonoros, os ritmos e as canções através de libras. Dessa maneira todos os trabalhos foram adaptados para o meu pleno desenvolvimento.

Estou certa de que o professor de música se esforçou e utilizou excelentes estratégias para minha inclusão. Em minha primeira participação nas aulas de arte temi o fato das aulas serem exclusivamente musicais e naturalmente dirigidas somente para os ouvintes. Questionei a possibilidade de cumprir o currículo de artes através da linguagem artes-visuais. Durante as aulas, o professor perguntava o que cada um sentia em relação a música e quais eram suas predileções. Eu não sabia nada de música, mas procurei saber. Me interessei em saber o que é música. Que tipos de música existem? Como eu poderia sentir as vibrações musicais.

Minha experiência contribuiu para evidenciar que a aprendizagem da música não é só para ouvintes, não é só fala, não é só português. Destaco que talvez o fato da música ser traduzida por interpretes o surdo não permita a plena percepção do surdo, no entanto quando ela é traduzida pelo próprio surdo ele passa a fazer parte do fazer musical. Neste contexto afirmo que a aula de música é muito importante para o surdo. Eu aprendi sobre a música coral, compartilhamento com os alunos, a vibração, os sons graves e agudos, fortes

e fracos, longos e curtos. Tive a oportunidade de junto aos colegas fabricar meu próprio instrumento musical. Eu aprendi música.

- **O relato de um aluno surdo da educação de jovens e adultos**

Nas minhas primeiras semanas no Instituto Federal Fluminense, participei das aulas sem a tradução para língua brasileira de sinais. Por esta razão, faltei algumas semanas e pensei, até mesmo, em desistir do curso. Entretanto, percebi o esforço da coordenação do núcleo de atendimento aos alunos especiais e da direção de ensino do campus e motivado pelo encorajamento dos colegas decidi prosseguir na minha caminhada como aluno. Foram meses até que se concluísse o processo seletivo proporcionando o grupo de intérpretes necessário para o pleno atendimento dos alunos do campus e atualmente contamos com dois intérpretes para o curso noturno.

Quanto as aulas de música, a pesar de surdo, sempre tive interesse por instrumentos musicais como: teclado, violão e bateria, meu instrumento de maior identificação. Nas aulas de música, Instituto Federal pude ampliar meus conhecimentos musicais através de atividades de percussão corporal, construção de instrumentos com materiais alternativos, improvisação, composição e escrita musical. Enquanto estabelecia contato com os colegas através da música percebi que o professor se esforçou para compreender nossos sinais e como percebíamos o fenômeno sonoro.

Destaco em minha experiência quanto a educação musical a prática da capoeira. Os movimentos corporais, a vibração do atabaque e do berimbau são muito claras para mim, assim como para a maioria dos alunos surdos. Para nós a capoeira, assim como o maculelê, (forma de dança que se utiliza de bastões), são interfaces entre a surdez e o fazer musical. A música não é propriedade exclusiva dos ouvintes. Surdos podem fazer, gostar e compreender música.

Entre as principais atividades desenvolvidas, destaco uma das aulas onde tive a oportunidade de compartilhar minha curiosidade em conhecer os sons de alguns fenômenos da natureza e ações cotidianas tais como: o som da chuva, o som de uma moeda que toca o chão, o som do fogo, do vento, do trânsito e outras ações. O professor, juntamente com os colegas tentou demonstrar alguns desses sons, mas não me pareceu claro.

- **O olhar do professor**

Para a maioria dos músicos o mundo do silêncio não faz qualquer sentido. Suas identidades sociais estão diretamente ligadas a interpretação, manipulação e organização sonora, como podemos observar nas cartas escritas por Beethoven ao seu amigo e médico Franz Gerhard Wegeler em 21 de junho e 16 de novembro de 1801. Segundo Bento (2009), entre as palavras de Beethoven encontramos expressões como: “confesso estar vivendo uma vida miserável”, “há quase dois anos me afastei de todas as atividades sociais” e “sou a mais infeliz criatura de Deus.”.

Trata-se do mesmo drama descrito por Stephen Herek (1995) em seu filme Mr. Holland Opus, traduzido para: Mr. Holland adorável professor onde um compositor atua como professor de música para complementar sua renda e enfrenta o desafio de relacionar-se com seu filho surdo. Destaca-se um momento do filme em que há uma discussão entre os personagens por ocasião da morte do cantor John Lennon: “Trata-se de um músico, você não entenderia”, “Eu conheço Lennon e sei muito bem o que é música”. Neste contexto descreve-se a sequência de aulas a seguir.

Logo que informado da aprovação dos alunos surdos no processo seletivo para ingresso nos cursos integrado e educação de jovens e adultos iniciei um levantamento bibliográfico a respeito deste assunto, através de: sites, grupos de redes social, livros, artigos, dissertações e teses relacionadas a aprendizagem musical dos surdos. Segundo a direção da escola, em mais de vinte anos de organização é a primeira vez que alunos surdos efetivam matrícula na instituição. Através de pesquisas na internet relacionei alguns autores que discutem a aprendizagem musical do surdo, entre os quais destaco: Hagiara-Cervelline (2003), Finck (2007, 2009), Glennie (2013), Sá (2008), Silva, (2007), Louro (2012).

Após a pesquisa bibliográfica, comecei a desenvolver a adaptação das atividades que seriam propostas em sala de aula. Das quais descrevo, parcialmente a seguir. Em primeiro lugar, observei a dificuldade de aceitação, por parte dos alunos surdos, quanto a sua potencial musicalidade. Na opinião de Cruz (2007) A “música é vista como algo que os povos surdos não podem fazer uma vez que se trata de um fenômeno que deva ser experimentado através da audição” (CRUZ apud FINCK, 2007). Nas primeiras semanas todos afirmaram não ser possível sua própria aprendizagem musical escolar. Sobre a musicalidade do surdo afirma Hagiara-Cervelline (2003)

“Musicalidade é a possibilidade que o homem tem de expressar a música interna, ou entrar em sintonia com a música externa, por meio do seu corpo e seus movimentos, por meio da sua voz, cantando, do tocar, do perceber um instrumento sonoro musical ou não, ou de uma escuta musical atenta”. (HAGUIARA-CERVELLINE, 2003, p.75)

Diante deste contexto comecei a pedir que me ensinassem a tradução de algumas palavras para linguagem brasileira de sinais e me desse um nome. Na intenção de demonstrar minha real aceitação dos alunos surdos nas aulas de música. Selecionei palavras que me auxiliassem no contato diário com os surdos na escola, buscando uma aproximação com eles: bom dia, boa tarde, boa noite, saber, conhecer, entender, querer, dúvida. Dessa maneira comecei a me relacionar com os surdos durante as aulas, durante os intervalos das aulas e em outras oportunidades que tive na escola.

Em segundo lugar, pedi que uma aluna surda ensinasse a turma, e ao coral da escola, a tradução para libras da música: Oração, da banda mais bonita da cidade, a saber:

“Meu amor, essa é a última oração, pra salvar seu coração. Coração não é tão simples quanto pensa, nele cabe o que não cabe na dispensa. Cabe o meu amor. Cabem três vidas inteiras, cabe uma penteadeira. Cabe nós dois”. (FRESSATO, 2011).

A tradução desta música para linguagem de libras tornou-se popular entre os alunos e funcionários da escola, além disso a performance da aluna surda tornou-a conhecida de outros professores, servidores administrativos e demais colaboradores.

Em terceiro lugar, foram desenvolvidas atividades de escuta a partir do compartilhamento dos estilos musicais favoritos dos alunos. Inicialmente esta atividade causou certo desconforto para mim e para alguns colegas de classe, considerando a impossibilidade de adaptação para os alunos surdos. Entretanto, para nossa surpresa, os alunos surdos demonstraram capacidade de reconhecimento de alguns ritmos e estilos musicais. A diferenciação mais evidente apresentou-se entre os estilos: rock, eletrônica, funk e pagode.

Em quarto lugar, desenvolveu-se atividades de percussão corporal. Através destas atividades percebeu-se claramente a capacidade de executar ritmos complexos, plenamente

coordenados e em absoluta sincronia com os outros alunos através da visualização. O que Hagiara-Cervelline (2003) descreve como escuta visual.

Em quinto lugar, trabalhou-se a percepção e manipulação dos parâmetros sonoros, a saber: altura, intensidade, duração e timbre. Provavelmente este foi tópico com maior grau de complexidade para adaptação das aulas de música. Não foi possível trabalhar a questão dos timbres, entretanto os parâmetros intensidade, duração e altura foram contemplados. Utilizou-se uma alfaia, (tambor utilizado para execução do ritmo maracatu) para demonstração dos sons. Pode-se observar plena compreensão das durações e intensidades aplicadas, mesmo na ausência de contato visual com o instrumento. Contudo, a percepção das alturas resumiu-se a demonstração da impossibilidade sensorial para os sons agudos, o que carece de aprofundamento, considerando a afirmação de GLENNIE (2013), percussionista surda que declara sentir os sons agudos na face.

Em quinto lugar, Entre as atividades propostas, destaco a contação de histórias. Em uma das aulas de música os alunos foram desafiados a divididos em grupos, contarem uma história e desenvolverem uma trilha sonora. Para adaptação da atividade pedi a uma aluna surda que sinalizasse sua história. Entre outras ocasiões, destaco este momento como um episódio de grande importância para identidade da aluna surda e sua relação com os colegas de classe.

A história escolhida foi chapeuzinho vermelho. Observa-se geralmente que as palavras são ditas em português e depois traduzidas para libras. Dessa maneira o surdo sempre recebe a informação após o ouvinte, entende após o ouvinte, esboça reações e chega a conclusões após ou ouvinte. No entanto neste dia a informação foi compartilhada originalmente em libras e, apresentando-se como um importante momento para plena inclusão.

• Conclusão

Diante do exposto, conclui-se, portanto, que a produção de conhecimento sobre a educação de surdos e sua educação musical ainda carece de expansão. Há muitas lacunas no que se refere a este tema de pesquisa. Espera-se com esta publicação encorajar o desenvolvimento de congressos, simpósios, colóquios, grupos de estudo e até mesmo de outras publicações sobre a educação musical de surdos.

Conclui-se ainda que a música faz parte do dia a dia do surdo e que a escuta musical é bem mais ampla que a audição. Constada a aprendizagem musical dos surdos encontramos o desafio de desenvolvimento das escutas: visuais e táteis por parte dos ouvintes.

Trata-se do início de uma caminhada em direção a outras possibilidades de adaptação e desenvolvimento de estratégias para o ensino de música aos surdos, crendo que nos referimos a uma caminhada solidária onde os próprios alunos surdos contribuirão para construção do seu saber musical. Dessa maneira construindo um mundo mais inclusivo e humano.

- **Referências bibliográficas**

BENTO, R. “A Surdez de Beethoven, O Desafio de um Gênio” Arq. Int. Otorrinolaringol. / Intl. Arch. Otorhinolaryngol. São Paulo, v.13, n.3, p. 317-321, 2009.

FRESSATO, Leo. Oração. E.: A banda mais bonita da cidade. Independente, 2011. 1 CD.

FERREIRA BRITO, Lucinda. Integração social & educação de surdos. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

FINCK, Regina. Surdez e Música: será este um paradoxo? XVI Encontro Anual da ABEM e Congresso Regional da ISME na América Latina. Anais. Santa Catarina, 2007.

FINCK, Regina. Ensinando Música ao Aluno Surdo: perspectivas para a ação pedagógica inclusiva. Porto Alegre: 2009. 234 f. + Anexos. Tese (Doutorado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. Porto Alegre, 2009.

GLENNIE, E. Ritmo de Evelyn Glennie em festival londrino. Londres, 2002. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/cultura/020716_evelyn.shtml>. Acesso em: 13 maio 2017.

HAGUIARA-CERVELLINI, Nadir. A musicalidade do surdo: representação e estigma. São Paulo: Plexus editora, 2003. 207p.

LOURO, Viviane. Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência. São Paulo, SP: Editora Som, 2012.

MR. HOLLAND: Adorável Professor. Direção de Stephen Herek. Produção de Ted Field, Michael Nolin e Robert W. Cort. Intérpretes: Richard Dreyfuss, entre outros. São Paulo: Flash Star Home Vídeo, 1995. 1 DVD (143 min.), sonoro, digital. Legendado. Inglês/Português.

SÁ, Nídia Regina. Os surdos, a música e a educação. Disponível em <<http://dialogica.ufam.edu.br/dialogicaV2N5/Os%20surdos,%20a%20m%C3%BAsica%20e%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em 03 Ago 2017.

SILVA, Crista Soares da. Educação Musical para Surdos: Uma experiência na Escola Municipal Rosa do Povo. Artigos da Meloteca. Rio de Janeiro, 2007.